

**A CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE
COM OS RAPAZES DO GRUPO VERDE DE CATAGUASES
COMO TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO**

Ana Lúcia G. Richa L. de Menezes (USP/UFRJ)
analuciaricha@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo investigar em que medida a correspondência trocada entre Mário de Andrade e os rapazes do Grupo Verde de Cataguases, no período de existência da revista *Verde*, de 1927 a 1929, é um objeto privilegiado para o estudo da crítica genética. Na correspondência do autor de *Pauliceia Desvairada* com os verdes, tanto se pode encontrar embriões de criações literárias como flagrar o registro datado da aventura da edição de uma revista de vanguarda em plena zona da mata mineira. Tal estudo é vinculado ao projeto de pesquisa “Amizade ‘carteadeira’ – O diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases”, que está sendo desenvolvido no doutorado do Programa de pós-graduação em literatura brasileira da FFLCH – USP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, e com subvenção da Fapesp.

O Grupo Verde de Cataguases se formou em meados da década de 1920, reunindo rapazes entre 17 e 24 anos. São eles Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Enrique de Resende e Rosário Fusco. A penetração da revista fundada por esses moços foi significativa. O grupo conseguiu lançar seis números da revista e quatro livros de poemas – além do “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”, em novembro de 1927. A publicação circulou não só por Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, como chegou via correio a diversas partes do país, alcançando e recebendo colaborações de diferentes grupos de escritores interessados em literatura de vanguarda. *Verde* também se internacionalizou, acolhendo textos de autores uruguaios e argentinos, sendo enviada a grupos da América do Sul, entre os quais os que editavam as revistas *Proa* e *Martin Fierro*.

Ao tratar-se de correspondência de escritores, não é possível desprezar que o mesmo instrumento usado para a carta é o usado para a sua expressão artística. Então, na carta, a escrita transita muitas vezes entre o discurso literário e o epistolar, transformando o documento em território da criação. Este estudo optou por ver a carta menos como um tipo especial de criação e sim, prioritariamente, como documento histórico, um

material auxiliar para o conhecimento de seus autores, de problemas relacionados com a revista, de seu direcionamento e de seu ambiente social. É nesse sentido que a correspondência estudada mais contribuiu para a historiografia literária, ampliando o conhecimento sobre esta vertente mineira/cataguasense do movimento modernista brasileiro.

Em “Qual genética para as correspondências?”, José-Luis Diaz explica que a carta tem sua dimensão de objeto postal, com uma materialidade e trajetória que dizem bastante dela; tem uma dimensão de texto assinado por autor; e pode ter também uma dimensão de “paratexto”, auxiliando o pesquisador. Sobre esta última dimensão o escritor diz tratar-se dos casos “nos quais a carta atinge a dignidade genética suprema: a de participar na qualidade de ‘paratexto’ – crucial, pois estritamente datado – da elaboração de alguma obra canônica, cujos desvãos cativam naturalmente aqueles que mergulham nos segredos do ateliê literário.” (DIAZ, 2007, p. 122) Dessa forma, este trabalho procura demonstrar em que medida as cartas trocadas entre Mário de Andrade e os rapazes de *Verde* auxiliam o pesquisador a refazer as pegadas da produção editorial da revista.

Em “Epistolografia e Crítica Genética”, Marcos Antonio de Moraes descreve três possibilidades de exploração do gênero epistolar dentro da crítica genética. A primeira delas é a recuperação da expressão testemunhal que define um perfil biográfico. A segunda possibilidade é a que procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. E um terceiro viés seria o que vê o gênero epistolar como “arquivo de criação”, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística.

A correspondência entre Mário de Andrade e os rapazes de Cataguases pode ser vista como “arquivo da criação”, testemunho da edição não de uma obra específica, mas das seis *Verdes* e seu “Manifesto”. O primeiro elemento relativo à *Verde* que emerge da troca de cartas é, inevitavelmente, seu nascimento. A notícia é dada na primeira missiva de Fusco a Mário. O rapaz cataguasense mostra-se irreverente, deixando claro o desejo de estabelecer uma amizade com autor de *Pauliceia desvairada*. O tom brincalhão, ambicionando a proximidade, surpreende no primeiro contato epistolar de um rapaz de seus 17 anos com um já reconhecido escritor. Fusco apresenta-se de modo informal: “Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E venho trazer a notícia de

que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela.”¹

A resposta de Mário a Fusco, que seria sua primeira carta ao poeta de Cataguases, está desaparecida. Entretanto percebe-se que Mário de Andrade reagiu positivamente, pois já no segundo número da revista apareceu colaboração dele. Inclusive, a partir de *Verde* nº 2, Mário tem textos em todas as edições. No número 2, aparece com o poema “Rondó do Brigadeiro”; no número 3 com um trecho de *Macunaíma*, “Caso da Cascata”; no número 4, com “Apresentação / que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente”; no número 5, com “Présentation de la Jeune Fille (Dolour)”; no suplemento de fevereiro, março, abril e maio de 1928, com a transcrição do que ele escreveu sobre o grupo no *Diário Nacional* em 15/4/1928; no número 1 da segunda fase, com “Vitória-Régia”, texto iniciado por “Rio Negro, 7 de junho” e acompanhado de gravura da argentina Maria Clemência.

A partir de *Verde* nº 2, Mário dá notícias no *Diário Nacional* do aparecimento das edições – nas cartas de Fusco estão os agradecimentos e os pedidos de envio dos recortes. A correspondência dos dois escritores registra o envio das colaborações e o crescente envolvimento de Mário com a revista, mandando a colaboração de outros escritores ligados à literatura de vanguarda e indicando lugares para onde *Verde* deveria ser enviada. Junto com a carta de 10 de novembro de 1927, Mário manda a nota sobre o aparecimento de *Verde* nº 2 e a colaboração de Ascenso Ferreira. Contudo, esta não é a única colaboração de terceiros enviada por ele. Ficou registrada em carta de novembro de 1927 a ação de Mário junto a outros escritores modernistas para que mandassem textos para a revista:

Lamento que minha carta *registrada* contendo escrita longa e “Caso da Cascata” pra *Verde* não tenha chegado aí. Aliás eu aconselhava a guardar a colaboração minha pro 4º número, devido não fatigar e necessidade de vocês, os d’af aparecerem mais que a gente. Enfim façam o que quiserem do “Caso da Cascata”, é de vocês.

Também fiz o Osvaldo mandar uma página do *Serafim Ponte Grande*, me avise se receberam. Eu mesmo botei no Correio, só que por ser domingo de noite não pude registrar.²

¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

² Mário de Andrade a Rosário Fusco, sem data (entre 16 e 20/11/27), Acervo de Rosário François Fusco.

Além de Oswald de Andrade, publicam na revista, por intermédio do autor de *Macunaíma*, Guilherme de Almeida, Paulo Prado e escritores modernistas de outras regiões como Ruy Cirne Lima, do Rio Grande do Sul.

Em 7 de dezembro de 1927, Rosário Fusco remete a Mário de Andrade carta avisando do envio do número 3 de *Verde* com o “Manifesto” do grupo encartado: “O ‘Manifesto’ besta que está dentro da *Verde* é uma porcaria danada feita especialmente pra essa gente atrasada daqui. Em todo o caso quero que V. me mande sua opinião mais que sincera sobre o bicho.”¹ Editado em papel verde, acreditava-se o “Manifesto” tivesse circulado por Cataguases e pelos outros grupos modernistas sem estar vinculado a nenhuma revista. Porém esta carta sugere que ele teria sido encartado na *Verde* nº 3, pelo menos para ser enviado aos escritores de fora da cidade.

Joaquim Branco, em *Passagem para a Modernidade*, livro sobre a história do grupo, sustenta que a motivação do lançamento do “Manifesto” foi dar uma resposta à publicação de um artigo não simpático à *Verde*, assinado com o pseudônimo Conselheiro B.B., no jornal local *Cataguases*. De fato, o “Manifesto” começa nesses termos: “Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b. b. que dogmatizam empoleirados nas colunas pretensas importantes dos jornais mirins do interior.”² A carta de Fusco confirma que o texto tenha sido redigido por causa de alguma situação ocorrida em Cataguases mesmo. Sobre a iniciativa, Mário comentou: “Quanto ao ‘Manifesto’ de fato está besta a valer. Só valeu aquele pedacinho apaixonado em que vocês juram trabalhar pela *Verde*. Achei aquilo duma lindeza extraordinária. Gostei como o diabo.”³

A dificuldade do grupo para manter a publicação começou a aparecer na preparação do número 5. A revista se propunha a ser mensal, os quatro primeiros números saíram em setembro, outubro, novembro e dezembro de 1927. Em janeiro de 1928, Fusco avisou ao amigo que a pró-

¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

² “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”. Novembro de 1927 (folha avulsa). In: *Verde*. edição fac-similar (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

³ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

xima *Verde* teria de ser um número triplo (5, 6 e 7). Em bilhete de fevereiro de 1928, Mário afirma: “Espero *Verde* com impaciência.”¹

A notícia de que *Verde* “andava adoentada” por causa do comércio local que se negava a pagar anúncios na revista modernista chegou a Mário em carta de Enrique de Resende. O escritor paulista percebeu a dificuldade do grupo de estudantes em sustentar a revista e se comprometeu a enviar 50\$000 mensais para ajudar na publicação da revista do sexto número em diante. O número 5 saiu apenas em junho de 1928, mas com data de janeiro. A revista teve mais páginas que as outras porque trouxe no miolo o suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio.

A perda de fôlego da revista é indissociável da dificuldade de sustentá-la. Tanto que, ao longo de 1928, a correspondência dos escritores registra a tentativa de mudança de formato. Fusco comunica os planos a Mário: “*Verde* vai mudar de formato e de vista. Vamos arranjar 40 marchants de 10\$000 ao mês e dispensar os anúncios. Arranje coisa boa pro nosso número 1 segunda fase.”² E um mês depois escreveu ao amigo deixando transparecer sua angústia com a dificuldade de se chegar a um consenso sobre a continuação da revista: “cave com todo mundo conhecido seu pro número um de *Verde* segunda fase (queu vou botar pra fora nem que seja sozinho) a sair por todo mês de junho-julho princípio. Coisa muito séria.”³

Fusco confiava tanto que o auxílio do escritor paulista seria suficiente para continuar a revista que pediu a ele para aparecer como redator depois da reforma. Mário de Andrade não aceitou o convite e aproveitou a ocasião para falar abertamente da situação da publicação:

E agora reflitamos um bocado sobre a situação de *Verde*. Qual é de fato? Imagino que a pior possível. Vocês sem dinheiro pra sustentá-la, os anunciantes não querendo mais bancar o trouxa. Assinatura ninguém não quer nem por amizade. Também fica feio a gente pedir assinatura pra uma coisa que não pode assegurar que saia o ano todo de assinatura, não é mesmo? Venda avulsa quase nula ou nula. *Verde* é um fruto de ilusão, como *Klaxon*, como *A Revista*, como *Estética*. Vocês carecem principiar matutando na possibilidade de matar *Verde*. Eu imagino que isto que falo vai doer feito relhada. Me desculpe se doer porém é a amizade mesmo que me obriga a falar assim. [...] Paguem dí-

¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, sem data (fev. de 1928), Acervo de Rosário François Fusco.

² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/4/28, AMA, IEB-USP.

³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/5/28, AMA, IEB-USP.

vidas se houver e pronto. Agora: se fizerem questão de *Verde* aparecer [segunda fase], conservo minha promessa, entro no número dos marchantes a 10\$000, como 5 marchantes, isto é, mandarei 50\$000 mensais.”¹

Na carta em resposta, Rosário Fusco tentou demonstrar ao amigo que as finanças não estavam tão mal, que ainda era possível manter a revista. Fusco atribuiu o convite à amizade, ao apressado por Mário.

Nas cartas do final de 1928, Fusco ainda alimentava a esperança de continuar a revista. Já na distribuição do número 5, Fusco pede ao amigo que começasse a pensar na colaboração para o número 6: “Vai sair do tamanho da *Antropofagia* (8pg.) 500 exemplares por 140\$000 capa duas cores. Que tal? Assim acho que não morre não. Somos 5 pra vacaria e toca pouco pra cada.”² Pouco tempo depois disso, em outra carta, chega a anunciar que a edição iria para a tipografia naquele dia. Porém nenhum outro número chegou a ser editado até 1929. A última edição de *Verde* foi de maio de 1929; número em homenagem a Ascânio Lopes e sem anúncios. A morte de Ascânio Lopes reuniu os companheiros verdes em torno de um objetivo comum, prestar uma homenagem póstuma.

Enrique de Resende, em sua *Pequena História Sentimental de Cataguases*, justificou com a perda do amigo o fim do grupo e da revista, que não poderia continuar sem o companheiro “que tombara”: “Ascânio morreu no dia 10 de janeiro de 1929, e com ele morreu a *Verde*. O número de maio daquele ano é póstumo. Foi editado *in memoriam* do companheiro morto.” (RESENDE, 1969, p. 112)

Além da morte de Ascânio e da dificuldade financeira de sustentar a revista, a correspondência entre Mário de Andrade e Rosário Fusco revela ainda mais um elemento que levaria ao fim da publicação: o desentendimento entre Fusco e Francisco Inácio Peixoto em julho de 1929. Fusco contou sobre a discussão e deu a notícia do seu desligamento do grupo: “Sabe que caí fora da revista? Pois caí.”³ O grupo não teve como continuar sem o seu “epistoleiro” – forma como Enrique de Resende se referiu a ele em carta de abril de 1928 a Mário de Andrade.

São muitas as passagens na correspondência ativa e passiva de Mário de Andrade em que o pesquisador da crítica genética pode surpre-

¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo de Rosário François Fusco.

² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 21/7/28, AMA, IEB-USP.

³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, jul. de 1929, AMA, IEB-USP.

ender as muitas etapas do processo de produção de obras literárias. Telê Ancona Lopes, no artigo “Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário”, lembra, inclusive que Mário guardou cópias de algumas cartas enviadas por ele: “Ali, as cópias permitiam o generoso carteador aproveitar, em projetos seus, ideias que brotavam fartas na discussão epistolar, quando se jogava fundo em assuntos de literatura, do folclore ou da música” (LOPEZ, 2000, p. 238). É, dessa forma, correspondência rica em “arquivos da criação”. Marcos Antonio de Moraes acrescenta que além das pegadas da criação, essa correspondência também traz o olhar sobre o próprio processo, em vários depoimentos que mostram os desafios da elaboração de um texto literário. Inclusive, Marcos Antonio de Moraes mostra como esses depoimentos do remetente tornam-se um convite à participação do destinatário: “O depoimento circunstanciado do remetente sobre o próprio trabalho instiga a participação do destinatário, favorecendo debates que contribuem para que o autor possa ter um conhecimento crítico de seu texto. O interlocutor é, aliás, chamado muitas vezes a colaborar”. (MORAES, p. 31)

Como o estudo procurou demonstrar, são várias as passagens do diálogo epistolar de Mário de Andrade e os rapazes de *Verde* que ajudam a remontar o período de publicação da revista *Verde* e a participação do escritor paulista na aventura. A organização e o estudo desta correspondência cria uma janela em que se pode observar meandros das seis edições, como a origem das colaborações, a problemática manutenção da periodicidade e as decisões de orientação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo de Rosário François Fusco (filho de Rosário Fusco)

ANDRADE, Mário de. “‘Verde’ revista moderna. N. 3 – Cataguases, Minas Gerais”. *Diário nacional*, São Paulo, 18 dez. 1927, p.11.

BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases; década de 1920*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

Cartas inéditas (diálogo Mário de Andrade e Rosário Fusco): Arquivo Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. nº 15, 2007, p. 119-161.

LOPEZ, Telê Ancona. “Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádía Battella (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 275-285.

MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e Crítica Genética”. *Crítica Genética / Artigos*, p 30-32.

RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

VERDE (Coleção completa da revista). Edição fac-similar. São Paulo: dezembro de 1978.